

A CRÍTICA DE ARTE COMO MEDIAÇÃO: ENTRE O CONTEXTO ACADÊMICO E O MIDIÁTICO

Edivanildo Flauberte Correia de Afonso¹

Resumo: Neste artigo, discute-se o papel da crítica como mediação entre o público e a obra de arte, tanto no espaço acadêmico quanto na mídia. Para tanto, apresenta-se as características e peculiaridades da crítica praticada em cada um desses contextos e suas atuais confluências. Numa abordagem que abrange a crítica direcionada às diversas linguagens artísticas - da literatura às artes visuais - discutem-se ainda questões relacionadas à figura do crítico de arte, tais como sua instrumentalidade e atributos.

Palavras-chave: Crítica de arte. Mediação. Crítica acadêmica. Mídia.

Introdução

Ao longo do tempo, o conceito de crítica foi ganhando diversos significados, alcançando atualmente um caráter notadamente polissêmico. Abrangendo uma gama de atividades, a crítica de artes é desenvolvida em contextos diversos, do acadêmico ao midiático. Pode-se dizer que ela inclui desde teses, monografias, ensaios, artigos até resenhas, notas biográficas, entre outros. Seu objeto, por sua vez, não tem sido menos diverso. Elaborações estéticas as mais tradicionais – literatura, teatro, artes visuais, dança – até as mais “contemporâneas” e tecnológicas – como é o caso das chamadas artes digitais – estão e/ou continuam no rol de suas reflexões.

Há uma tendência de se estabelecer uma polarização, quando o assunto é o exercício da crítica de arte no ambiente acadêmico e no ambiente midiático. Geralmente, coloca-se que de um lado está a profundidade e complexidade da crítica acadêmica e de outro a concisão e objetividade da crítica na mídia. Uma comparação que no mais das vezes tem como referência, sobretudo, a linguagem utilizada por um tipo e outro de crítica.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus I, Salvador - BA. E-mail: flaubertecorreia@hotmail.com



Em verdade, não se pode negar a existência de peculiaridades no exercício da crítica a depender do ambiente no qual e para o qual ela é elaborada. É consensual, por exemplo, que no ambiente acadêmico a crítica é marcada por ser fruto de uma longa preparação e de um convívio prolongado com as questões colocadas por determinada obra, decorrentes, assim, de uma ampla liberdade de espaço físico e da possibilidade de tratamento erudito e analítico das questões em pauta (MOISÉS, 1967).

No ambiente midiático, por seu turno – o que nesse caso incluem-se veículos como jornais, revistas, portais, etc. – a crítica, por seu caráter bem mais informativo que analítico, tende a prezar por uma menor densidade, sobretudo em comparação com a crítica acadêmica, o que se justifica, segundo Golin e Cardoso (2010), no fato de que o jornalismo se move, em sua maior parte, por uma dinâmica de mercado, por uma estrutura de lançamentos e distribuição, por uma forte relação com a linguagem publicitária, por uma marcada limitação dos enunciados e por processos de generalização e segmentação de públicos e veículos.

Há que se dizer, no entanto, que sustentar essa polarização do exercício da crítica de arte é desconsiderar toda uma complexidade e vastidão, que lhe são características. Pode-se dizer, assim, que é mais prudente ver seu exercício como marcadamente dialógico e matizado que rigidamente polarizado, visto que tanto na mídia quanto na universidade encontram-se linhas, direções e tendências as mais variadas.

A figura do crítico na mídia e na academia

Quando do surgimento da crítica moderna, no século XVII, o crítico de arte era visto como o amparo para os consumidores de arte, como aquele que poderia definir a qualidade dos artistas e de suas obras. Nesse contexto, Zielinsky (2006, p. 221), assinala que:

“O público solicitava, portanto, um guia eficaz para as suas escolhas e aquisições, uma vez que o mercado de arte já se instaurava de forma cada vez mais crescente. A crítica de arte era a atividade de um ‘juiz’, que, com sua opinião abalizada sobre as obras, escrevia sobre elas e determinava a sua circulação pública nos salões e, mais tarde, em mostras de alcance mais amplo, após o nascimento das exposições universais em meados do século XIX.”

Apesar de as funções do crítico de arte terem se modificado ao longo dos anos, há uma que, de certo modo, permanece com vitalidade: a de um mediador. O crítico, assim, ainda pode ser considerado um importante agente de difusão da arte, um dos responsáveis pelo estabelecimento do contato entre a produção artístico-cultural e o público. Essa posição em que se coloca o crítico é necessária na medida em que os códigos em que se baseiam as artes estão sempre em constante mutação em relação às capacidades espontâneas de compreensão que o público de modo geral detém.

Como a elaboração crítica sempre se baseia numa análise e, por conseguinte, numa transformação de linguagens, tem-se que o crítico, no exercício de sua função mediadora, se vê num processo de “educação” da sensibilidade. Leenhardt (2000, p. 20), nesse sentido, descreve como esse processo de mediação acontece de modo específico no contexto da crítica de artes visuais:

“A reformulação sensível da arte na linguagem goza, evidentemente, de uma vantagem considerável sobre a formulação pictórica. Utiliza a mediação de uma estrutura de comunicação universal, a linguagem, perfeitamente exercida em cada um. Se os públicos são relativamente cegos a que se passa no quadro, é porque sua experiência cotidiana não lhes dá senão raramente a oportunidade de prestar atenção nas diferenças em que reside todo o interesse do quadro. Aprendemos a ler e a escrever, não a olhar. O crítico de arte sabe, ou deveria saber, apreciar uma cor, uma intensidade, uma tonalidade, uma linha. Deveria achar aí um significado e comunica-lo na linguagem verbal. Assim transcrito, o efeito plástico torna-se perceptível para aquele que não está acostumado com ele e o texto crítico funciona, por sua vez, como uma escola do ver, uma pedagogia da sensibilidade”

O crítico, desse modo, tem mantida sua importância na atualidade. Uma importância advinda, porém, não apenas do fato de ele ser um agente cuja missão é o julgamento de obras artísticas, mas, sobretudo, de sua relevante atuação em meio à diversidade cultural. Sendo assim, é necessário que o crítico compreenda bem que a mediação por ele desempenhada pode resultar em efeitos diversos nos diferentes contextos, tanto do lado de quem produz arte quanto do lado de quem a consome/usufrui.

Até chegar a desempenhar a contento a tarefa de mediador, o crítico deve estar investido, antes de tudo, do conhecimento dos instrumentos necessários e adequados ao exercício de sua função, o que inclui, de modo amplo, conhecimentos culturais, e, de modo específico, o conhecimento das características peculiares à linguagem artística alvo de sua análise e crítica. Ademais do conhecimento, o crítico literário Massaud Moisés (1967) aponta a sensibilidade como uma das qualidades mais importantes de um crítico. Segundo ele, essa é uma qualidade que não provém do simples convívio com os

livros; ele defende que, assim como outras qualidades morais, a pessoa ou já ostenta, podendo, assim, aperfeiçoá-la por meio do estudo e da reflexão, ou não as possuirá jamais, por maior que seja o empenho na absorção de ideias e atitudes críticas consagradas, o que, segundo ele, se justificaria no fato de serem patrimônio individual.

Peculiaridades e confluências da crítica de arte na academia e na mídia

Tempo e espaço são dois fatores determinantes para a caracterização da crítica de arte que se pratica no contexto acadêmico. Normalmente os trabalhos produzidos nesse e para esse espaço resultam de um vagar tido como necessário à elaboração meditada de ideias e impressões densas e, muitas vezes, complexas acerca de dada obra de arte. Desse modo, artigos acadêmicos, monografias, dissertações, teses etc. gozam de uma relativa liberdade de espaço físico, podendo uma análise crítica de um aspecto em específico de uma obra de arte ocupar diversas páginas; eles gozam também de um tempo relativamente grande para se aproximar detidamente de um objeto artístico e, a partir disso, desenvolver uma densa e demorada reflexão.

Ao eleger uma obra ou um artista para ser alvo de sua atividade, o crítico acadêmico normalmente opta por uma abordagem muito mais analítica que judicativa. A análise por ele elaborada tende a se sustentar em teorias as mais diversas, provenientes, inclusive, de diferentes campos, desde as ciências humanas até as ciências da linguagem, o que varia de acordo com uma série de fatores, tais como interesses e formação do crítico de arte.

Na universidade, a crítica de arte tende ainda a privilegiar determinados artistas e obras em detrimento de outros, numa tendência que se apoia, muitas vezes, no cânone estabelecido, o que acaba também por ser um determinante para as escolhas teóricas que embasarão a análise.

Ao tratar da crítica de arte praticada no ambiente acadêmico, Moisés (1967) aponta três aspectos que considera relevantes no seu fazer e que devem, assim, ser considerados ao se propor uma reflexão crítica. O primeiro aspecto diz respeito ao fato de que a crítica é também a criação de uma obra, a qual, valendo-se da análise e avaliação, prolonga e completa a obra criticada. Ele assinala, nesse sentido, que:

“O crítico cria uma obra dependente da outra na medida em que não existiria sem ela, mas autônoma como organismo que deve bastar-se a si próprio, sujeito a ‘leis’ específicas, diversas das que comandam a obra de arte. A crítica é também arte, visto pressupor dados subjetivos e imaginativos; e o

crítico, da mesma forma que o artista, constrói uma obra, embora de outra qualidade e contextura.” (MOISÉS, 1967, p. 189)

O segundo aspecto apontado por Moisés (1967) é o de que a crítica não consegue esgotar a análise de seu objeto, visto que sempre haverá um ângulo nele, ou na mente do crítico, que poderia ser analisado ou considerado. Nessa perspectiva, esse aspecto aponta para o fato de que a crítica corresponde a um esforço contínuo de alcançar uma verdade que, por se tratar mesmo de arte, mostra-se inalcançável.

O terceiro aspecto que se configura relevante para o exercício da crítica, segundo Moisés (1967), é aquele revelador de seu caráter ambíguo e discutível: a impossibilidade de excluir o gosto pessoal da prática da crítica. O autor assevera que mesmo que se imprima grande esforço contra essa tendência, o trabalho da crítica continua marcado por idiossincrasias e, por mais que seja unânime entre os críticos lúcidos a repulsa do critério do gosto-não-gosto, todos acabam empregando-o, mesmo que em concomitância com outros processos.

Apesar de esses aspectos revelarem uma precariedade do juízo crítico e de seu caráter estético, os críticos sempre estiveram em busca de regras, normas, leis etc. para apoiar o seu trabalho. Assim, é possível observar que para cada linguagem artística em específico, a crítica foi se apoiando em tendências diferentes ao longo do tempo, de modo a cunhar à sua atividade um caráter objetivo e científico.

No que tange à crítica praticada na mídia, por sua vez, os fatores tempo e espaço também são determinantes de suas características. Movendo-se, muitas vezes, pela dinâmica do mercado, pela lógica dos lançamentos e distribuição e por diversas outras questões, a crítica praticada na mídia – tanto a geral quanto a especializada – também cumpre seu papel de mediadora entre o público e a obra, mantendo, porém, seu caráter mais informativo e evitando, por sua vez, uma grande profundidade analítica e uma certa erudição, comuns à crítica acadêmica.

De modo geral, a mídia cobre o campo da produção cultural e artística agindo na formação de públicos e oferecendo parâmetros para a interpretação de obras de arte. Nesse sentido, Golin e Cardoso (2010, p. 185) assinalam que o jornalismo cultural, como área dentro da qual se desenvolve a crítica na mídia,

“[...] situa-se em uma zona heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam processos criativos, críticos ou de mera divulgação dos campos das artes, das letras, das ciências humanas e sociais, envolvendo a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos. O espectro de alcance desse segmento especializado é amplo, sob o ponto de vista formal, de conteúdo e de suportes. É possível considerar, nesse conjunto, uma revista literária de

pequena circulação, o suplemento semanal de um jornal de grande tiragem, periódicos dedicados a temáticas específicas (artes, música, cinema) e cadernos diários reservados ao tempo livre e ao entretenimento, assim como revistas eletrônicas e formatos emergentes na internet”.

Ao longo de todo esse espectro de espaços possíveis para o exercício da crítica na mídia, é possível, de fato, entrever que os papéis de julgador e, sobretudo, de mediador do crítico estão sempre presentes, em maior ou menor grau a depender do tipo de mídia e também da linguagem artística em questão.

É preciso, nesse ponto, no entanto, destacar que a própria crítica praticada no ambiente midiático fica de certo modo condicionada ao funcionamento do próprio jornalismo, da própria imprensa. Algumas vezes, o recorte mesmo do que será objeto de crítica acaba por dar ao público a sensação de que se está dando um retrato fiel e geral da produção cultural de determinado momento. Assim, é como se a agenda do periódico, do veículo servisse como um guia do que se pode escolher em meio a uma gama de objetos artístico-culturais disponíveis.

As escolhas midiáticas, no que se refere à seleção dos produtos culturais que estarão presentes em seus espaços, de modo geral, e dos que serão objetos da crítica, de modo particular, são pautadas, marcadamente, por questões de mercado, de legitimidade, de cânone, forjadas no próprio campo da produção cultural. Além disso, também podem ser apontados critérios como atualidade e notoriedade nesse processo de seleção do que vem à luz (GOLIN e CARDOSO, 2010).

Apesar das especificidades da crítica praticada na mídia e na universidade, cada vez mais se tem notado que uma separação dicotômica entre ambas já não se justifica. Com as devidas ressalvas feitas, a linguagem utilizada por uma e outra, por exemplo, é uma demonstração de uma crescente confluência entre ambas. Nota-se, assim, que críticos de formação acadêmica tem evitado a excessiva recorrência a citações e a jargões teóricos, não perdendo, entretanto, o rigor e a consistência em suas análises; e que jornalistas, por seu lado, tem evitado a mera divulgação de obras e artistas e investido em análises críticas que demonstram serem oriundas de grande reflexão e lucidez.

Tanto no ambiente midiático quanto no acadêmico, independente de suas características e peculiaridades, a crítica terá garantido seu espaço de relevância na medida em que em seu fazer leve em conta que “a reflexão crítica pressupõe necessariamente a possibilidade do passo para trás, da reflexividade, a possibilidade da negação, do momento provisório de dúvida” (SALZSTEIN, 2006, p.232).

Considerações finais

De todos os papéis que o crítico de arte pode e deve desempenhar o de mediador entre a obra de arte e o público ainda ocupa lugar de destaque. Valendo-se de uma lucidez e preparo que lhe são exigidos, ele ainda é visto como o porta-voz do público diante da obra, como um dos responsáveis pelo estabelecimento de seu significado. As características dessa mediação, por sua vez, não são mais determinadas, rigorosamente, com base no ambiente no qual a crítica é exercida – se na mídia ou na universidade – mas muito mais nos propósitos do crítico e nos instrumentais de que ele dispõe.

É possível, por esse viés, se deparar, no espaço acadêmico, com uma mediação crítica da obra de arte menos marcada pela erudição e complexidade e, desse modo, mais acessível a um público maior e mais heterogêneo; bem como, na mídia – em alguma das suas modalidades – se deparar com uma mediação crítica apurada e até mesmo de caráter autoral. Dessa forma, nem a crítica acadêmica se restringe a um tratamento unicamente técnico e teórico de obras e autores nem a crítica na mídia se restringe a contingência e a efemeridade. Concebe-se, portanto, tanto num espaço quanto noutro a existência de uma diversidade e até mesmo de uma crescente confluência.

Referências

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (orgs.). *Economia da arte e da cultura*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

LEENHARDT, Jacques. Crítica de arte e cultura no mundo contemporâneo. In: MARTINS, Maria Helena. *Rumos da Crítica*. São Paulo: SENAC: Itaú Cultural, 2000.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa II*. 19. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

SALZSTEIN, Sônia. Transformações na esfera da crítica. In: FERREIRA, Glória (org.) *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

ZIELINSKY, Mônica. A arte e sua mediação na cultura contemporânea. In: FERREIRA, Glória (org.) *Crítica de arte no Brasil: Temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.